

JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

Juventudes e processos educativos

Helen Cristina do Carmo
Bréscia França Nonato





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

Série de Cadernos Temáticos
“Juventude brasileira e educação”

Juventudes e Processos Educativos

Autoras:

Bréscia França Nonato

Helen Cristina do Carmo

Organização:

Álida Leal, Bréscia Nonato,

Licinia Correa e Symbaira Nonato

Capa e projeto gráfico:

Carol D'Alessandro

Diagramação:

Editora Fino Traço

Cadernos da série

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C287j

Carmo, Helen Cristina do

Juventudes e processos educativos / Helen Cristina do Carmo, Bréscia França Nonato. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-503-6

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Jovens. 4. Processos educativos.

I. Nonato, Bréscia França. II. Título.

2021-3653

CDD 370

CDU 37

Helen Carmo¹
Brécia Nonato²

Juventudes e Processos Educativos

1. Helen Cristina do Carmo - Pedagoga e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Trabalha como Pedagoga no Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG e integra a equipe de coordenação do Programa Observatório da Juventude da UFMG.

2. Brécia França Nonato - Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, integra a equipe do Observatório Sociológico Família-Escola e a equipe de coordenação do Programa Observatório da Juventude da UFMG.

Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes³. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas *καλός* (*kalos*), “belo, bonito”, *εἶδος* (*eidos*), “imagem, figura”, e *ζκοπέω* (*scopeo*), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!

Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.



Iniciando o giro do caleidoscópio

Caro/a colega leitor/a,

É com alegria que compartilhamos neste Caderno, algumas reflexões sobre as Juventudes e os Processos Educativos, buscando identificar e compreender as dimensões que perpassam as experiências educativas dos/as jovens, seja nos espaços escolares ou não escolares.

Essa reflexão torna-se importante pois nos permite perceber que os processos educativos são atravessados por dimensões que podem marcar as experiências educacionais dos/as jovens, e essas dimensões podem ter repercussões positivas ou negativas em suas experiências. Ao longo do texto, teremos a chance de refletir sobre algumas dessas perspectivas, mas para que você já tenha uma maior compreensão sobre o que estamos falando, podemos dar o exemplo da dimensão do diálogo e suscitar as seguintes per-

guntas: é possível pensar em um processo educativo significativo realizado sem diálogo? É possível construir conhecimento sem uma interlocução entre os sujeitos? Pensar sobre essas questões pode contribuir para refletirmos sobre os processos educativos de uma maneira mais ampla, avançando na perspectiva de que, independentemente de onde e quando esse processo aconteça, alguns elementos são fundamentais — ou pelo menos deveriam ser — para a formação humana e integral dos sujeitos

Outro ponto importante nessa reflexão é que, ao nos debruçarmos numa compreensão mais ampla dos processos educativos, temos a chance de vencer algumas barreiras que geralmente nos levam a enxergar, de maneira dicotômica e excludente, processos escolares, em oposição aos processos educativos não escolares. Ou seja, por vezes somos levados/as a acreditar que os processos educativos que acontecem dentro da escola são diferentes e não dialogam com aqueles não escolares. Com isso, acabamos por negligenciar os sujeitos envolvidos nesses processos que não se dividem entre uma e outra experiência.

Diferentemente, ao longo de suas vidas, os/as jovens reúnem diversas vivências educativas, e elas marcam integralmente sua formação enquanto sujeitos. Desta maneira, ao focarmos em dimensões que são centrais para a formação dos/as jovens, temos a possibilidade de atuar de maneira a valorizar as diversas experi-

ências que eles e elas vivenciam em todo seu processo educativo e aproveitar essa diversidade de aprendizados que cada um/a carrega, para potencializar e enriquecer nossas formações com jovens e educadores.

Nosso desejo com esse texto é convidá-lo/a a olhar para os sujeitos jovens, reconhecendo que suas trajetórias educativas já estão em curso, que eles/as reúnem vários saberes construídos no espaço familiar, na rua, nas diferentes instituições ou espaços religiosos, na comunidade, na escola, no trabalho, nos grupos culturais, nos movimentos sociais, em seus territórios etc. **Como Miguel Arroyo nos lembra em seu livro *Imagens Quebradas*, nossos jovens têm “trajetórias humanas” e não somente “trajetórias escolares”, como sujeitos sociais que vivem experiências, que trazem histórias.** Os/as jovens vivem experiências que os/as capacitam a participar e colaborar na construção de seus percursos formativos e podem nos auxiliar na identificação das dimensões que consideram fundamentais para a efetivação de um processo educativo que faça sentido para eles e elas.

Educação como direito e processos educativos possíveis

Nos educamos ao longo de nossa vida⁴ no encontro com o outro, na troca de experiências em que podemos acolher e ser acolhidos/as, em que podemos de forma amorosa compartilhar nossos saberes. E como bem lembra o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1996), essa amorosidade se materializa no afeto como compromisso com o outro. Quantas vezes aprendemos e ensinamos em espaços que para muitos/as não parecem ser propícios ao aprendizado? Praças, ruas, parques, ambientes diversos, que à primeira vista não nos parecem propícios a isso, têm se tornado importantes territórios educativos. Paulo Freire já nos alertava que “não é possível ser gente senão por meio de práticas educativas” e que “esse processo de formação perdura ao longo da vida toda, o homem não para de educar-se, sua formação é permanente e se funda na dialética entre teoria e prática” (FREIRE, 2000; p.40).

É essa concepção de formação que alicerça nossa compreensão sobre processos educativos. Um exercício cotidiano de aprendizagem que nos evidencia a necessidade de múltiplos

4. Um aprofundamento dessa reflexão pode ser encontrada no Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo”, onde a noção de educação como formação humana é trabalhada e norteia nossa perspectiva pedagógica.

saberes serem considerados na formação para e com os/as jovens. Sobretudo quando nos preocupamos com a formação humana de nossos/as jovens, que combata todos os processos e práticas de sua desumanização.

Nesta perspectiva, a Educação deve ser compreendida de maneira abrangente. Isto, por exemplo, está expresso no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que destaca que a educação deve ser tratada como um direito de todos/as e dever do Estado e da família, sendo “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL,1988).

Nessa passagem, fica evidente a educação como um direito das juventudes (e de outros segmentos da sociedade), que não se restringe a apenas um espaço, ao contrário, ela se encontra na família, nos espaços formalizados pelo Estado, e em diversos ambientes em colaboração com a sociedade. Mas o que isso nos indica? Quais as contribuições dos documentos oficiais para pensarmos e desenvolvermos nosso trabalho? Você conhece outros documentos oficiais que complementam essa legislação?

Além da Constituição Federal, outro parâmetro legal para esse entendimento mais amplo dos processos educativos é a Lei

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁵, que evidencia em seu primeiro artigo a amplitude e diversidade da educação ao expor que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, LDB, 1996).

Estes marcos legais reforçam a compreensão da educação como formação humana, centrada nos sujeitos e em processos socializadores mais abrangentes. E são importantes, pois sinalizam que a educação é dever do Estado e da sociedade e um direito de todos/as. Dessa forma, o que muda é o papel das diferentes instâncias e instituições a depender dos contornos, dos objetivos e, conforme o caso, das etapas do processo formativo. A seguir, para fins didáticos, conversaremos um pouco sobre os processos educativos escolares e não escolares, no intuito de identificar tanto aquilo que os singulariza quanto as convergências, os pontos

5. Você já ouviu falar dessa legislação? A LDB é um importante marco educacional e político da história do nosso país. Ela foi fruto de um grande movimento de luta pelo direito à educação que ganhou força no final dos anos de 1980, período de luta pela redemocratização do nosso país. Ela foi homologada no ano de 1996.

que se conectam e as dimensões educativas que permeiam tais processos.

Conversando um pouco sobre a educação escolar

Quem de nós nunca esteve em uma escola? Considerando o contexto atual e principalmente as novas gerações, podemos afirmar que a experiência escolar está cada vez mais universalizada. Isso porque, com as mudanças sociais e econômicas, articuladas às legislações educacionais e aos direitos sociais de cidadania conquistados, as escolas passaram a fazer parte da biografia de muitos/as brasileiros/as e, em muitos casos, de modo cada vez mais precoce.

É na escola que muitas crianças e jovens passam de 4 a 12 horas diárias. É lá que se espera, também, que estejam até a conclusão do Ensino Médio, última etapa da Educação Básica. Isso faz com que, pelo menos até os 18 anos, a escola seja uma das principais instituições socializadoras da sociedade. Há décadas, diversos/as pesquisadores/as e gestores/as públicos/as têm afirmado que a Escola produz estabilidade social, na medida em que promove a formação de hábitos, comportamentos, e busca integrar os/as estudantes em nosso modelo de sociedade (Anísio TEIXEIRA, 1957). Mas o que isso quer dizer? Em que este espaço e seus sujeitos contribuem para atenuar ou aprofundar as desi-

gualdades presentes em nossa sociedade? Será que no espaço da escola há lugar para diferentes culturas? Quais repercussões isso pode trazer para as experiências educacionais dos sujeitos envolvidos?

A escola tem um importante papel como condutora de valores e saberes acumulados ao longo de décadas ou mesmo de séculos pela humanidade. Um importante sociólogo suíço chamado Philippe Perrenoud, em um livro considerado um clássico da Sociologia da Educação⁶, nos indica que nenhum/a jovem estudante pode ignorar que a escola é o lugar aonde se vai para aprender. Mas *o que se aprende e como se aprende* varia de sociedade para sociedade. A importância de um aprendizado, de um saber, varia no tempo e no espaço. Há também estudiosos/as do campo da educação que nos alertam ao dizer que as relações sociais no interior da escola funcionam como uma espécie de preparação para a incorporação das relações de produção e organização do trabalho que predominam nas sociedades em nossa (Mariano ENGUITA, 1989, p.191; PERRENOUD, 1995). A questão que se coloca é: o que há além dessas concepções de escola? O que escapa/extrapola às lógicas institucionalizadas? O que se produz nos diferentes encontros no espaço escolar? Será que estamos aten-

6. PERRENOUD, Philippe. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto (Portugal): Porto Editora, 1995.

tos/as para *ver e ouvir* as situações que se produzem e reproduzem no espaço escolar? Esses questionamentos são necessários para compreendermos que, para além do que é intencionalmente planejado pela escola, existem outros processos, movimentos, encontros, aprendizados, transgressões, ressignificações que são criados pelos sujeitos, que não recebem de modo passivo o que é estipulado institucionalmente.

Nossas experiências como educadoras e pesquisadoras nos indicam que os/as jovens tendem a construir estratégias de resistência quando a escola tenta impor ações que não fazem sentido para eles/as. Também tendem a se opor a tempos que pouco dialogam com seus ritmos individuais. Mas isso não se dá sem “efeitos colaterais”, evidenciando tensões entre os/as jovens e a escola, que muitas vezes geram como resultado a desmotivação dos/as estudantes, a pouca adesão à experiência ou até mesmo a evasão.

Na tentativa de compreender a complexidade da relação dos/as jovens com a instituição escolar é preciso considerar que nem sempre a escola é vista por eles/elas como um espaço desejado. Ao contrário, muitos deles/as a frequentam em um contexto de obrigatoriedade. E a partir daí é necessário seguir regras e tempos que, muitas vezes, podem se distanciar da realidade vivenciada pelos/as jovens fora da escola.

O distanciamento e, em algumas situações, o choque entre a cultura escolar e as culturas juvenis — que se materializa numa “incompatibilidade” entre a forma como os/as jovens se vestem, se comunicam, na maneira como expressam seus gostos e como se relacionam — nos trazem importantes elementos de reflexão e podem revelar, para além do conflito, possibilidades. De outra parte, as relações baseadas no diálogo, no reconhecimento do outro enquanto sujeito, assim como de suas vivências e seus saberes têm se mostrado mais efetivas e despertado o comprometimento dos/as jovens tanto com seu processo formativo, quanto com a instituição escolar. Quando o/a jovem começa a ver sentido na escola, quando ele/ela começa a ver importância nas interações e práticas sociais nela existentes, quando começa a ver significado no aprendizado, criam-se outras formas de vínculos com a escola, muito mais positivos.

Você deve estar se perguntando: mas como contribuir para que isso ocorra? Uma das possíveis saídas seria colaborar para que sejam criados mecanismos de participação e espaços de *escuta* e *produção coletiva*. As experiências de participação, que variam desde a elaboração de regras discutidas coletivamente à criação de grêmios, são bons exemplos de que a escola pode extrapolar o aprendizado de conteúdos de disciplinas. Nesse exercício, é importante mapear quem tem direito à fala e à escuta no

dia a dia da escola; quem tem suas contestações, demandas e sugestões ouvidas e *como e por que* isso ocorre. Embora seja possível localizar processos educativos ricos que ocorrem na escola, como a experiência de construção de relações coletivas colaborativas, a constituição de amizades, o contato com o pensamento científico, os aprendizados de cidadania, etc., de modo geral as escolas ainda são espaços de silenciamento, de homogeneização. E a experiência tem nos indicado a necessidade de reconfigurar esta instituição.

O ingresso como gestor/a em uma escola, como professor/a ou ainda como educador/a em um espaço educativo não escolar, exige de nós mais do que o conhecimento técnico da função a ser exercida. São necessários o reconhecimento, a escuta, o afeto, a criação de vínculos. Gestos que parecem pequenos ou banais, como perguntar o nome de um ou de uma estudante, olhar para seu rosto no momento de uma simples conversa, do retorno de uma atividade, um elogio sincero quanto a um êxito simples podem contribuir para que os/as jovens estabeleçam uma relação com seu processo educativo de maior comprometimento, cuidado e desejo.

Saber quem são os/as jovens é algo essencial no trabalho com esses sujeitos. A situação presente de cada um/a deles/as é, em grande medida, resultado de sua trajetória pregressa.

Todo/a jovem tem uma história presente e pretérita. Por isso é tão importante conhecer quem são os/as jovens presentes em nossas escolas, em suas diversidades de experiências, desde aqueles/as que se constroem enquanto sujeitos e incorporam a cultura escolar – seguindo um percurso linear, sem grandes lacunas em seus itinerários educativos – até aqueles/as jovens que não concluem sua trajetória no ensino regular.

Quem são os/as jovens que enfrentam grandes desafios na conclusão deste nível de ensino? Quais vivências e experiências eles/as trazem para dentro do contexto escolar? Quais são seus nomes? Quais são suas características? Suas identidades raciais e de gênero? Quais características familiares eles/as carregam? Quais relações possuem com as tecnologias e com os recursos digitais? É fundamental que nós, educadores/as, tenhamos em mente e possamos responder a estas questões se pretendemos, de fato, ampliar e consolidar a formação humana dos/as jovens com quem trabalhamos.

Ainda pensando sobre os espaços escolares, para as situações de abandono e ou exclusão, a EJA tem se configurado como uma alternativa de (re)aproximação com os saberes escolares. Você sabe como funciona esta modalidade de ensino?

A Educação de Jovens e Adultos -EJA- traz em sua constituição muitos fundamentos e princípios da educação popular.

Fruto de um movimento de trabalhadores/as, a EJA nos indica outras possibilidades educativas, ao nos mostrar a importância de considerarmos e partirmos dos contextos dos/as educandos/as para, juntos/as, construirmos novos saberes.

Embora tenha sua origem nos processos de educação não formal, atualmente a EJA é considerada como integrante da educação formal, *status* adquirido a partir de 1996, com a implantação das diretrizes nacionais para a educação ao explicitar que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996).

Como podemos observar, a EJA encontra-se em uma região fronteiriça e por isso mesmo carrega os benefícios e adversidades desse lugar intermediário. De um lado, ela traz em sua natureza uma profunda conexão com os sujeitos que dela fazem parte, considerando *as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho* — especialmente por atender um público que não teve acesso ou foi impossibilitado de dar continuidade aos estudos — e ainda valoriza os *conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais*. De outro lado, a EJA enfrenta grandes desafios em sua manutenção nos sistemas de ensino, sendo pouco valorizada e com investimentos

desproporcionais ao valor de suas ações e impactos positivos em nossa sociedade. Além disso, há muitas leituras contestáveis sobre essa modalidade de ensino, como aquelas que a reduzem a simples compensação dos problemas não tratados na educação básica regular.

Quando pensamos no caso específico dos/as jovens, a importância da EJA fica ainda mais evidenciada, já que é ela quem acolhe, em grande parte, aqueles/as jovens que enfrentam obstáculos para acessar e permanecer na escola, configurando o recente fenômeno da juvenilização na EJA. Convidamos você a saber mais sobre este fenômeno, questionando, de forma criteriosa: o que está por trás desse “deslocamento” de parte significativa de jovens para essa modalidade de ensino? Qual o lugar destinado às juventudes nessa modalidade?

Para instigar suas reflexões, deixamos duas sugestões:



Outros ângulos, cores e formas

Sustentado na concepção de que é indispensável escutar o/a jovem para que a escola melhore, o filme “Fora de Série” (Diretor: Paulo Carrano, ano de lançamento: 2018, Brasil) foi produzido a partir de entrevistas, dispositivos reflexivos e filmagens de espaços-tempos significativos com estudantes de ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de 14 escolas públicas do Rio de Janeiro.



Fonte: Material de divulgação da série.

O documentário revela trajetórias de escolarização e percursos biográficos de jovens que se encontravam em situação de defasagem escolar à época das filmagens, entre 2015 e 2016.

Filme disponível no link: <<https://www.filmeforadeserie.com/acesso-ao-filme>>. Acesso em: 25 mar. 2022.



Fonte: Material de divulgação do livro.

No livro “Na EJA tem J: Juventudes na educação de jovens e adultos”, a professora e pesquisadora Analise da Silva se propõe a promover uma experiência que provoca inquietação, que vai além da leitura do texto. A leitura deste livro irá proporcionar um diálogo que Paulo Freire (1987) define como “encontro entre consciências”. Um diálogo

aberto à dúvida, à curiosidade, à contestação, à cumplicidade e que levará você a viver emoções difusas: alegria, tristeza, raiva, indignação, sororidade, fraternidade, alteridade, empatia. Reconhecimento. Tudo isso com o objetivo de encontrar possíveis parcerias na construção de um olhar positivado para, com e das juventudes que são sujeitos de direito da EJA. Livro publicado pela editora Appris: <<https://www.editoraappris.com.br/produto/4630-na-eja-tem-j-juventudes-na-educacao-de-jovens-e-adultos>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Por uma educação para além do espaço escolar

Quando discutimos sobre educação, a instituição escolar é a que ganha maior destaque e relevo, e isto não é por acaso. É nela que crescemos e vivemos grande parte das nossas experiências da infância e da juventude. Contudo, como anunciado no início deste Caderno, a educação não se resume à escola.

Então, depois de pensarmos um pouco sobre a complexidade da escola e de seus processos educativos, que são marcados por experiências multifacetadas, nosso convite é para ampliarmos nosso olhar, para vermos além do que nomeamos como educação formal. Que tal expandirmos o universo de possibilidades educativas incluindo a educação não escolar?

O professor e pesquisador José Severo aponta que:

Do ponto de vista teórico, a educação não escolar se relaciona com conceitos correntes no campo da pedagogia que expressam um significado ampliado para a formação humana com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados em espaços e tempos distintos da instituição escolar, a exemplo do conceito de educação permanente, educação ao longo da vida, educação integral, educação social etc. (SEVERO, 2015, p. 563).

Essa compreensão vai ao encontro daquilo que discutimos até aqui sobre uma percepção mais ampliada dos processos educativos. Somando-se aos apontamentos de Severo, a professora e pesquisadora Maria da Glória Gohn (2006) destaca que a educação não formal é um campo de conhecimento em construção, mas isso não impede elencar algumas características que contribuem para conceituá-la. Em síntese, podemos dizer que a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, pela via dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Desta forma, Gohn (2006) argumenta que:

uma das principais finalidades da educação não formal é capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades de quem dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sócio cultural é uma meta na educação não formal. Ela

prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2006; p. 26).

Dito isso, torna-se mais fácil avançar na tentativa de perceber esses processos educativos não escolares e seus diálogos com as juventudes, buscando destacar algumas dimensões educativas que se fazem presentes nessas experiências, e mais que isso, tentando conectá-las com práticas que exemplificam essas dimensões.

Dentre a infinidade de ações educativas que acontecem fora do espaço escolar, os/as jovens costumam se conectar com práticas sociais que façam sentido para eles/as. Considerando que a educação não escolar se constitui como um processo educativo mais amplo, de caráter opcional, ou até mesmo espontâneo, buscamos compreender como os/as jovens se envolvem com esses processos, o que os motiva a se engajarem, bem como participam dessa construção educativa.

Pesquisas mais recentes (Juarez DAYRELL, 2016; Ana DIAS & Maria SOUZA, 2019) na área da educação apontam para a importância atribuída pelos/as jovens aos processos formativos que extrapolam o ambiente escolar e muitas vezes marcam suas trajetórias de vida. Esses estudos revelam a importância de:

- Experiências que se dão no âmbito das culturas juvenis, em que os/as jovens se educam entre pares, enquanto constroem fortes vínculos de amizades, de busca de si e de suas identidades, demarcação de um estilo de vida;
- Tempos/espacos de aprendizados inscritos nas açoes coletivas e movimentos sociais, que instigam novos olhares sobre o mundo e sobre a sociedade, ao mesmo tempo em que promovem oportunidades de participacao e representacao no universo coletivo, no âmbito da vida pública;
- Vivências no contexto do território, promovendo a circulação pelos espacos, experiências de autonomia que extrapolam a vida privada, oportunidade de encontros;
- Partilhas de ideias, crenças e valores, no diálogo com o mundo da fé e religiosidade;
- Experiências no universo online e as múltiplas possibilidades de associacao entre os pares, realidade que proporciona o encontro com sujeitos para além das redes de socializacao presenciais mais próximas;
- Aprendizados advindos dos processos de socializacao no âmbito da família e do mundo do trabalho;
- Vivências e aprendizados gerados a partir do contato com o mundo dos esportes, do lazer, do divertimento, etc.

Poderíamos estender essa lista com muitas outras experiências que circundam os processos não escolares, mas gostaríamos de gastar mais tempo conversando sobre as dimensões educativas que atravessam essas experiências e que nos ajudam a compreender como essas vivências fora da escola se potencializam como importantes espaços formativos. Destacamos que não ignoramos o fato de que esses processos também carregam seus dilemas e possuem limitações, e como todo processo educativo, são passíveis de críticas, mas reforçamos que os/as próprios/as jovens apontam as potencialidades desses processos em suas vidas, das marcas que eles deixam, das mudanças que essas experiências promovem, das possibilidades de escolhas que estão muito mais vinculadas ao desejo do que à obrigação.

Seguindo nosso diálogo e buscando avançar na discussão sobre tempos, espaços e processos não escolares, chamamos a atenção para um importante movimento de educação que teve origem na América Latina e repercute na experiência educacional brasileira. Nomeada como Educação Popular, este movimento amplo e heterogêneo se centra nos sujeitos e parte do princípio de que todas as pessoas têm saberes importantes. Saberes estes que extrapolam os conteúdos disciplinares presentes na escola.

Brandão, psicólogo e doutor em ciências sociais, nos alerta que a educação popular se configura como um movimento de gru-

pos comprometidos com a transformação das estruturas sociais que os oprimem (2012, p. 80).



Outros ângulos, cores e formas

Em junho de 2020, o professor Carlos Rodrigues Brandão, um importante nome no campo da Educação Popular, buscou sistematizar ideias potentes sobre os fundamentos e a importância da educação popular. Que tal assistir ao vídeo?

“O que é Educação Popular? Teorias e perspectivas populares.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=b3qn0Lrh8mo>>.

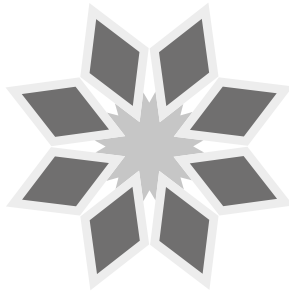
Acesso em: 27 mai. 2021.

Você deve estar se questionando: mas em que isso dialoga com o trabalho com jovens? Quais contribuições a educação popular pode trazer para meu trabalho com jovens? Para começar, é preciso reconhecermos que grande parte das juventudes vivencia processos cotidianos de exclusão e os saberes produzidos por eles/as tendem a ser negligenciados ou ainda marginalizados. A educação popular busca romper com essa lógica.

Nessa perspectiva, os saberes produzidos pelos/as jovens ao longo de sua experiência são ponto de partida para a construção coletiva do conhecimento. Na experiência prática isso não é algo simples, tampouco fácil, pois exige de nós, educadores/as, além de uma escuta atenta, uma real disposição para desnaturalizar algumas verdades e certezas que imperam nas relações educativas, como por exemplo, a crença de superioridade do/a educador/a sobre o/a educando/a. Exige também que admitamos que muitas vezes as relações presentes nos processos educativos são violentas e que devemos questioná-las enfaticamente. E mais do que isso, lutar para que elas não aconteçam. Exige, ainda, que desnaturalizemos nossas próprias trajetórias formativas e rompamos com uma lógica de reprodução de processos educativos que não se adequam aos sujeitos reais com os quais trabalhamos. Um processo educativo baseado nos princípios da educação popular exige de nós uma postura crítica, que mesmo nos desafiando, permite revolucionar nossa prática.

É preciso considerar que existe uma multiplicidade de caminhos formativos e que eles vão muito além da educação escolar. Os/as educandos/as podem ter experiências muito diversas ao longo de suas trajetórias e dessa maneira, ao construir seus percursos, constroem diferentes aprendizados e habilidades. Se pararmos para pensar, é impossível prevermos com que ba-

gagem os/as jovens com os quais convivemos chegam até nós e por isso mesmo, quando pensamos em processos educativos, é tão importante voltarmos nosso olhar para o sujeito, para sua experiência, para o seu lugar no mundo. Partindo desse ponto de vista, conseguimos avançar, tornando possível refletir de modo mais crítico sobre a intencionalidade e sobre as formas como realizamos e como são realizados os processos educativos. No nosso caso específico, essa questão diz respeito, ainda, ao lugar do/a jovem na construção do conhecimento proporcionado por esses percursos formativos. Como eles/elas devem ser vistos/as, devem ser considerados/as, visto que vivenciam vários processos educativos não escolares?



Juntando imagens e reflexos

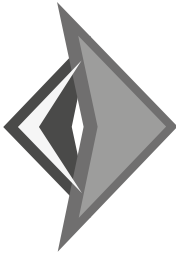
Finalizamos este Caderno com o desejo de que o diálogo iniciado aqui tenha nos possibilitado formular diferentes perguntas, questionamentos e reflexões. Esperamos que a partir dessa leitura e reflexões, estejamos mais atentos e sensíveis aos aspectos envolvidos nos processos educativos dentro e fora da escola e que consigamos criar, com os/as jovem com os/as quais trabalhamos, uma relação educativa que se pautar na esperança e no diálogo. Nosso desejo é pelo exercício da escuta sensível, ativa e acolhedora, em especial daqueles/as jovens que tendem a ser excluídos/as dos processos formativos dentro e fora da escola. Desejamos que os processos educativos sejam cada vez mais um espaço de suporte nas experiências juvenis, que possam contribuir para que os/as jovens tenham mais condições de enfrentar os dilemas e desafios impostos pelo mundo atual. Que junto a eles e elas possamos edificar pontes que evidenciam a força e a potência de um processo educativo coletivo, dialógico, colaborativo,

integrado e que respeite aos sujeitos. Que levemos sempre conosco dimensões educativas essenciais ao trabalho com jovens. Em síntese, compartilhamos algumas dessas dimensões a seguir. Depois dessa reflexão, o que você incluiria?

Algumas dimensões educativas a serem consideradas no trabalho com jovens



Fonte: elaborado pelas autoras, 2021. Design Carol D'Alessandro.



Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir

Agradecemos a sua companhia até aqui e aproveitamos para fazer mais um convite que, será uma oportunidade de refletir, experimentar e contribuir para a continuidade dessa discussão.

São muitas as dimensões educativas que atravessam as experiências formativas de muitos/as jovens e algumas delas foram elencadas no texto e sinalizadas ao final deste Caderno.

Considerando que há uma grande diversidade de experiências e que muitas não foram abordadas no texto, propomos agora um exercício reflexivo final. Sugerimos que você converse com um/a ou mais jovens e através de uma escuta apurada, interessada e curiosa, busque saber: o que eles/as consideram como central em seus processos educativos? Quais experiências marcam a trajetória desses/as jovens? Dê elementos para que eles e elas compreendam o que você quer saber, sem, no entanto, sugestioná-los com possíveis respostas.

Você pode sensibilizá-los/as com questões complementares que podem ajudar na elaboração dessa res-

posta, como por exemplo: o que te motiva a participar de um processo educativo? O que te faz continuar a participar dessas experiências? Qual a melhor parte de estar inserido/a em um processo educativo? O que não pode faltar?

Lembrando que essas questões precisam ser elaboradas a partir do contexto no qual o/a jovem está inserido, e nós, como educadores/as, temos condições de adaptar esses questionamentos para uma linguagem que favoreça a compreensão deles/as.

Além desse processo de escuta e possíveis observações, sugerimos que você faça um registro, em forma de uma lista simples, com os tópicos que os/as jovens revelarem. Em seguida, acrescente também os pontos que você, colega, considera fundamentais.

Agora é só comparar, identificar as possíveis coincidências e constatar possíveis dimensões que este texto não foi capaz de abarcar. A beleza desse exercício está justamente em ouvir os principais sujeitos implicados nos processos educativos: os/as jovens; contribuir com a sua bagagem como educador/a e ampliar essa reflexão, que se mostra como um conhecimento aberto, passível de novas incorporações. E depois dessa oportunidade, torcemos para que essas dimensões educativas recebam destaque em sua prática, e mais que isso, que os/as jovens tenham chance de experimentar processos educativos que façam cada vez mais sentido para suas vidas e que

contribuam para que eles/as realizem sonhos e criem caminhos que apontem para a construção de um mundo mais justo, humano, igualitário e diverso.

Para além desta atividade, há inúmeras possibilidades de trabalho que propiciam a interação entre os/as jovens, e conseqüentemente, potencializam a identificação de dimensões educativas importantes para eles e elas, e logo, importante para nós. Como exemplo, podemos citar a troca de correspondências com outros/as jovens de outras escolas (cartas, mensagens etc.) sobre as questões e assuntos dessa série. Trabalhos com fotografias de modo a produzir murais ou exposições na escola, fotos nas quais eles/as possam mostrar seus tempos e espaços educativos não escolares, dialogando com as questões da proposta reflexiva desse Caderno. Também sugerimos a realização de entrevistas entre os/as jovens, abordando as questões aqui propostas. Use a criatividade! Você pode elaborar atividades no formato ao vivo, com um pequeno público assistindo, ou filmar e depois editar para que mais pessoas vejam. Não tem familiaridade com recursos audiovisuais? Que tal pedir ajuda aos/às jovens com os quais você trabalha? Você ainda pode planejar a exibição de filmes sobre jovens e neles analisar os tempos/espaços/processos educativos vividos por aqueles/as jovens dentro e fora da escola. Você também pode criar um pequeno teatro ou mesmo um roteiro de um filme sobre essas questões.

As possibilidades são muitas e nosso desejo é que a reflexão não pare por aqui.

Desejamos um excelente trabalho!

Referências

ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas*: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 01 jun. 2020.

DAYRELL, J.(org.). *Por uma pedagogia das juventudes*: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza, 2016.

DIAS, Ana Lúcia Cristo; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Significados atribuídos por jovens às experiências educativas vivenciadas no Programa Fica Vivo! *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 35, e208620, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982019000100427&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ENGUITA, Mariano Fernández. *A face oculta da escola, o trabalho atual como forma histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. *Anais eletrônicos*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 27 mai. 2021.

PERRENOUD, P. *O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Tradução de Julia Ferreira. Porto: Porto Editora, 1995.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 16 fev. 2021.

TEIXEIRA, Anísio. A escola brasileira e a estabilidade social. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.28, n.67, jul./set. 1957. p.3-29. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/escola2.html>>. Acesso em: 21 fev. 2021.







OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS